

GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Anos!!**GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Años !!****GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE:: 10 Years !!**

Os planos do Conselho Editorial para as comemorações dos 10 anos de *Germinal* eram ambiciosos!! Avaliávamos que esta primeira década deste instrumento de luta não poderia passar sem um adequado balanço das condições em que vimos produzindo *Germinal*. Pretendíamos realizar um documentário retratando a história da Revista, com depoimentos de editores, autores e leitores que a vêm construindo. A falta de recursos e as demandas da conjuntura impossibilitaram a conclusão deste intento que fica aguardando melhor oportunidade. O que fazer? Decidimos direcionar o balanço à seção *Entrevista*, avaliando que a alternativa mais correta era trazer as posições dos membros do Conselho Editorial da *Germinal* sobre estes dez anos. Convocamos a todos os membros do Conselho para a resposta ao roteiro elaborado sob encomenda pelos professores Lucelma Silva Braga (UFMA), Marcelo Pereira de Almeida Ferreira (UFPA), Hugo Rodrigues e Leandro Sartori Gonçalves (UNICAMP), Rogério Massarotto (UEM) e Itamar Silva de Sousa (UNEB). Responderam ao roteiro e à proposta de balanço por parte do Conselho, Elza Margarida de Mendonça Peixoto, Maria de Fátima Félix Rosar, Paulino Orso, Celi Nelza Zulke Taffarel e José Claudinei Lombardi. O resultado é um interessante balanço das condições nas quais *Germinal* surge e dos desafios para a sua produção e permanência.

José Claudinei Lombardi

GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: parabéns pelos 10 anos e força para sobreviver à onda reacionária

Participei das conversas que levaram simultaneamente à fundação da Associação Brasileira de Educadores Marxistas (ABEM) e também da *Germinal*. A revista recebeu o nome de *Germinal* numa referência ao movimento revolucionário francês e que foi um verdadeiro canteiro de germinação de homens defensores dos ideais revolucionários. Nos animava a ideia de criar uma publicação que aglutinasse os intelectuais marxistas no campo da educação e que fosse um espaço para a germinação do debate acadêmico e político dos educadores marxistas sobre os rumos históricos da educação, aprofundando os debates sobre os caminhos possíveis para a superação revolucionária da ordem regida pelo capital.

A revista foi criada num momento em que a conjuntura internacional era de aprofundamento da crise estrutural do modo de produção capitalista, ao mesmo tempo que a profundidade da elaboração teórica de Marx sobre O Capital ganhava destaque e sua principal obra era destaque em vários órgãos da imprensa internacional. Vivencia-se no Brasil um período de relativo convívio democrático, finda a ditadura militar, com efervescente debate plural no âmbito político e acadêmico. As concepções (neo)liberais eram hegemônicas, merecendo destaque o grande avanço e estridência da pós-modernidade e de suas irmãs siamesas novidadeiras na filosofia (com a nova filosofia) e nas diferentes ciências humanas e sociais (como a nova sociologia, a nova antropologia, a nova história, ec.). Apesar disso, o debate era intenso e os espaços intelectuais estavam oxigenados. Ainda que o marxismo jamais tenha sido uma concepção majoritária na pesquisa e no mundo intelectual, tinha participação intensa nos debates nos diferentes espaços intelectuais.

Passados 10 anos pode-se afirmar que a crise estrutural do capitalismo se aprofunda, deixando à mostra a profunda transformação na produção, resultado de nova revolução das forças produtivas que desvela o caráter social da produção, mas não da apropriação da riqueza socialmente produzida. As contradições afloram cada vez mais violentas num mundo marcado por guerras, migração e convulsões sociais de toda ordem, mostrando o vigor e a atualidade das rigorosas e profundas análises prognósticas de Marx e Engels sobre os rumos históricos do capitalismo. Os pilares que alicerçam o velho modo de produção – propriedade privada, liberdade, mercado e controle burguês sobre os negócios – não mais sustentam o mundo burguês, acelerando a produção de uma nova organização societária. O Estado burguês está sofrendo um nítido processo de esfacelamento, de putrefação de suas estruturas, sendo crescente a adoção de políticas conservadoras e mesmo autoritárias. O marxismo recebeu um contraditório destaque: por um lado, voltou a ser atacado no bojo do movimento conservador e reacionário que reapareceu em escala internacional e, com o marxismo, todo movimento crítico e de esquerda voltaram a ser atacados e criminalizados, como se ainda estivéssemos em plena guerra fria; por outro lado, entretanto, a crise estrutural fez ressurgir movimentos sociais de excluídos e marginalizados em todo o mundo, assumindo características as mais diversas, de movimentos migratórios a grupos guerrilheiros, passando por manifestações aguerridas em todos os quadrantes de nosso mundo; com a crise, também, a densa elaboração teórica de Marx foi novamente retomada, bem como a de muitos intelectuais marxistas e que se empenham em analisar as transformações em curso.

No Brasil a crise veio acompanhada da rearticulação das forças conservadoras e reacionárias, promovendo manifestações, panelaços e diuturna guerra ideológica movida pela grande imprensa televisiva, falada e escrita, bem como pelos vários meios disponíveis através da internet. Gradativamente foi ficando claro que se tratava de uma articulação do conservadorismo nacional e internacional para a retomada do controle do Estado o governo, com o claro objetivo de implementar mais profundamente o receituário neoliberal. É patente o conluio com a participação:

- do empresariado (pessoalmente e através de suas organizações classistas);
- da mídia (alicerçada em grandes empresas monopolistas e que controlam os meios de comunicação televisivo, falado, escrito do país, com suas ramificações e controle da internet);

- das organizações políticas (como partidos e entidades organizativas e representativas de Estados e municípios);
- do judiciário e que se revelou não apenas aparelho a serviço de uma classe, mas um aparato cada vez mais politizado para a defesa dos partidos à direita e o desmonte dos partidos e políticos à esquerda;
- com a sustentação das forças repressivas municipais, estaduais e nacional (com participação ativa das forças armadas, particularmente da caserna e do alto comando do exército nacional), e que, para além do cumprimento de suas funções, mostram-se a serviço dos interesses do capital e das forças conservadoras.

A cada dia foi ficando mais evidente que estava em curso no Brasil um novo golpe de Estado para a retomada das políticas privatistas neo-liberalizantes, notadamente para garantia, através do Estado, da plena hegemonia do capital financeiro e monopolista internacional. Para o golpe operaram articuladamente os aparelhos jurídicos, políticos e repressivos do Estado, em sintonia com os barões da mídia e que tiveram papel fundamental na construção da necessária justificativa ideológica da mudança política e das reformas políticas, tudo sob a justificativa que era necessário o Brasil retomar o rumo do desenvolvimento para voltar a ter emprego e renda para todos. O impedimento da presidente Dilma Rousseff foi instaurado e aprovado (entre abril e maio de 2016) sob a estapafúrdia denúncia de que cometeu “pedaladas fiscais” que, com verdadeira acrobacia discursiva, foi caracterizado como desrespeito à lei de improbidade administrativa e à lei orçamentária, situação absolutamente semelhante a dos presidentes anteriores e de outros chefes executivos estaduais e municipais.

Muitos textos, comentários e análises conjunturais têm sido produzidos (inclusive por mim), mas o calor dos acontecimentos e nossa condição de ativos participantes do contexto, ainda não possibilitam a necessária profundidade das análises. Logo após o impeachment, desde os primeiros dias do governo golpista de Michel Temer, um novo processo eleitoral foi implementado. O processo eleitoral foi avançando e, com todas as formalidades legais sendo cumpridas, buscava-se criar a opinião e o consenso que o país estava em pleno Estado democrático de direito. ENTRETANTO, para além das formalidades, adentrando no conteúdo da organização política efetivamente vivenciada no país, não é possível concordar que o Brasil estava em pleno regime democrático, pois a conjuntura era de ocorrência e continuidade de um golpe de Estado. Como não foi realizada uma análise profunda do que ocorria na política nacional, com a caracterização do processo de golpe instaurado, praticamente todos os partidos políticos acabaram participando desse jogo, e com isso respaldando um processo eleitoral que ocorria sob condições excepcionais de um estado de exceção.

Esse processo eleitoral acabou concretizando um golpe dentro do golpe de Estado, na medida em que foram tomadas as medidas jurídicas e políticas necessárias para barrar a candidatura de Lula - único candidato que venceria as eleições, possivelmente no primeiro turno, qualquer que fosse o candidato à direita.. Era a hora de denunciar o aprofundamento do golpe de Estado. MAS ao contrário disso, o PT e outros partidos supostamente identificados com uma perspectiva à esquerda, aceitaram as regras de um jogo

viciado e participaram de um processo eleitoral que acabou elegendo o mais conservador entre os candidatos à presidência do Brasil.

A vitória da extrema-direita nesse processo eleitoral golpista não resultou do debate civilizado - racional, público e formador da opinião do eleitorado. Ao contrário, decorreu da implementação de uma engenharia publicitária fundada na barbárie e que se utiliza fartamente da construção de fakes news baseadas em dados comportamentais e que apelam para a irracionalidade, o subjetivo, opiniões e ideias fragmentárias. Esse processo escancarou as portas da barbárie: da revisão da história, do saudosismo da ditadura militar, da louvação e adesão à tortura, de criminalização dos movimentos sociais, de perseguição aos partidos de esquerda, de intolerância a tudo o que é identificado como progressista, socialista, comunista e marxista. As portas abertas da barbárie e do conservadorismo sempre deixa entreaberta a porta para a perseguição a todos que assumem o marxismo como fundamento filosófico e científico, o que significa que há possibilidade real de perseguição à revista, seus editores e colaboradores.

Com relação à Revista *Germinal*, meu entendimento é que ela tem cumprido com seu papel. Inicialmente o propósito era de construirmos um espaço para os educadores marxistas. Por curto tempo, esse esforço acabou se duplicando: produção da revista propriamente dita, com artigos de caráter mais analítico e acadêmico; produção e divulgação de um boletim impresso, com característica de um folhetim político, voltado à divulgação de ideias e análises para a formação de quadros revolucionários. Logo ficou patente a dificuldade de um reduzido grupo de editores levar a cabo ambas as tarefas. A opção foi por manter a Revista *Germinal* que, gradativamente, foi assumindo uma perspectiva de revista acadêmica que, por ser um espaço de publicação de pesquisadores vinculados a diferentes programas de pós-graduação, foi levada a cumprir com os requisitos da política avaliativa da CAPES. Essa política de avaliação cada vez mais tem assumido as características hegemônicas que regem o mundo acadêmico: o produtivismo exacerbado e que cumpre exigências endógenas das instituições de fomento; a mercadorização crescente da educação e da pesquisa e que atravessa cada vez mais profundamente a oferta de cursos, a produção bibliográfica e a produção acadêmica de modo geral; a internacionalização da produção científica, tecnológica, como expressão da implementação suposta globalização do mercado. Por força dessa tripla característica, o chamado mercado editorial, que torna as publicações mercadoria como qualquer outra, domina crescentemente a produção científica em todas as áreas.

Certamente a revista tem leitores para muito além dos autores que nela publicam e acredito, mesmo sem ter como fundamentar através de dados e referências, que a *Germinal* é conhecida no meio intelectual e constitui uma referência para educadores progressistas, particularmente para os pesquisadores marxistas em educação. Estou afirmando que a revista cumpre um importante papel num coletivo relativamente pequeno de educadores e pesquisadores, que são os que assumem o marxismo como referência filosófica, científica e política. Não estou querendo embarcar em observações que tomam o marxismo como base e fundamento da educação e da formação de professores. Pelo que conheço sobre o marxismo na formação de professores, fundado em várias pesquisas realizadas sobre os cursos de pedagogia e sobre as mais diversas licenciaturas, o marxismo não é e nem nunca foi na história educacional brasileira uma concepção hegemônica ou mesmo importante no processo de formação.

Não acho que a revista tenha repercussão junto à massa da classe trabalhadora, nem mesmo dos trabalhadores da educação. Entendendo as características dos trabalhadores numa sociedade de classes, que criou e aprofundou a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, a publicação da Revista *Germinal* cumpre o papel de ser um instrumento de formação e de socialização das pesquisas para os trabalhadores intelectuais que assumem o marxismo como sua perspectiva de análise e ação, ou que se coloca no campo progressista e faz a leitura dos artigos da revista que lhe despertam interesse.

Na minha opinião a Revista *Germinal* deve se manter como um órgão de socialização da produção científica dos intelectuais marxistas, sem se preocupar, porém, em responder às demandas e exigências produtivistas, mercadológicas e globalizantes impostas através de organismos reguladores e avaliativos. Ao contrário, é fundamental manter a liberdade para que se possa manter as características fundamentais de publicação digital que, por isso, não dispõe de recursos financeiros, institucionais e humanos para atender a essas exigências. Além disso, se a revista quer ter independência nestes tempos sombrios e de aberta perseguição aos marxistas, bem como à esquerda em geral, é preciso garantir as necessárias condições para sobreviver sob condições adversas. Além de constituir-se em espaço para a análise e o intercâmbio plural das contribuições ao marxismo, considero necessário que todos nós não apenas fiquemos em análises teóricas, desvinculadas da ação, mas nos envolvamos na formação crítica de quadros, absolutamente necessárias à conjuntura que vivemos.